
VANGUARDAS ARTÍSTICAS:

Elementos Constitutivos do Fazer Artístico no Início do Século XX

Marcus Vinicius Conceição*

Vanguarda é um termo polissêmico de origem francesa, *avant-garde*, que significa posição frontal. Foi primeiramente usado para designar o aspecto militar, significava um conjunto de tropas que se portavam a frente do batalhão principal e eram responsáveis por causar um “choque” nas tropas inimigas ou lugares a serem atacados, de preferência que destruindo o inimigo em um único ataque. Porém, em meados do século XIX, este termo passará por mudanças consideráveis, mas sem nunca perder o seu sentido inicial de significar aquilo que está à frente de algo ou alguém.

As mudanças mais perceptíveis desse termo ocorrem no campo da política e da arte. Na política o termo passa a ser utilizado a partir da primavera dos povos de 1848 e inicialmente designava tanto a extrema direita como a extrema esquerda (COMPAGNON, 2003, p. 39), no entanto com o advento do movimento operário e seus teóricos¹ como Karl Kautsky, certa vertente deste começa a se autodenominar como a vanguarda do movimento operário, relegando a um segundo plano as lutas desencadeadas até então, sobretudo a Comuna de Paris que negavam², esta dita “teoria da vanguarda”, que como definiu Maurício Tragtenberg em seu livro,

A fundação ideológica dessa tecnocracia dirigente está na célebre “teoria da vanguarda” de Karl Kautsky...Segundo essa teoria, o proletariado entregue a si mesmo chega somente a uma visão

* Doutor em Sociologia pela UFG e professor do Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos.

¹ Karl Kaustsky é o mentor e um dos principais nomes da Segunda Internacional, aquela que transformou em reformista a visão de Marx, que previa a chegada a um socialismo a partir da ação no parlamentar e sem uma revolução. É interessante notar como até o advento da Primeira Guerra Mundial, Kautsky, tem prestígio dentro do movimento operário, no entanto após esta e também com as suas críticas ao Estado Bolchevique é abandonado por esta facção, porém está não deixa ainda de ter a influência deste, sobretudo no que se refere a “teoria da vanguarda” que foi absorvida por Lênin e os bolcheviques.

² A Comuna de Paris é a primeira experiência de luta autogerida da história. A sua importância para o movimento operário posterior é imensurável, uma vez que ela se tornou uma espécie de “modelo” a ser atingido pelas revoluções posteriores.

economicista do processo social; a consciência política lhe é injetada “de fora” pela vanguarda, que fala em seu nome, pela voz dos intelectuais portadores da ciência e do conhecimento (TRAGTENBERG, 2008, p. 11).

Ela ainda se caracterizava segundo Subirats,

Sobre a base de dois axiomas: sua força organizativa que permite dirigir as massas e possibilitar através de estratégia adequadas a vitória política, ou seja, a revolução social, e em segundo lugar, seu sentido utópico ou seu caráter antecipador de uma nova realidade social. O primeiro aspecto fundamenta seu papel dirigente e ordenador, ou seja a sua função como sistema de poder; o segundo momento determina sua tarefa normativa e seu valor ético-político num sentido ideal (SUBIRATS, 1986, p. 54 e 55).

Estas visões de certa forma estão implícitas, ou até mesmo escancaradas, nas vanguardas artísticas do início do século XX, quando estas propunham uma revolução através das artes e se achavam a ponta de lança do movimento revolucionário. Essa tomada de posição desses movimentos muitas vezes entra em choque com as vanguardas políticas o que acaba ocasionando a derrocada destes, como é o caso do Prolekt³ e o Partido Bolchevique no processo da Revolução Russa de 1917, em que este aos poucos é incorporado a estrutura partidária e finda como um movimento autônomo.

Já o nascimento do termo vanguarda artística surge quase no mesmo período do emprego no sentido político e é impossível pensá-lo como sendo apenas uma pura questão estética, a criação deste termo nasce como algo muito maior, resultado do processo que as artes passavam naquele momento, ele é resultado do processo sócio-histórico europeu do período.

É preciso definir o que se entendia pelo fazer artístico no período do surgimento das vanguardas artísticas, uma vez que isto incide diretamente na constituição e na visão de arte que estes grupos constituirão. Com o advento do modo de produção capitalista, a produção artística deixa de ser vista como um elemento de pura estética e passa a ser desenvolvida como um elemento comercial, em que o artista se torna um produtor e seu produto é a arte que ele tem a oferecer. Desta forma, não é possível entender as vanguardas artísticas no século XIX, sem ter a noção de que a arte naquele momento

³ “O *Prolekt* (‘proletarskaia kultura’ – cultura proletária) objetiva propagar uma cultura de origem proletária, que viesse dos próprios operários, constituindo, desse modo, a superestrutura que fortalecesse a ideologia soviética. Funcionando como um organismo independente, fundado em 1917, o *Prolekt* cresce num ritmo vertiginoso. Considera a arte como o mais poderoso instrumento das forças de classe, e defende que a arte deve ser fundada no coletivismo trabalhista; também observa que o proletariado deve manifestar o máximo possível de energia de classe, da espontaneidade e da inteligência revolucionário-socialista no processo artístico” (RENATO, 2009).

estava enquadrada no processo da divisão social do trabalho. A própria visão da vanguarda vem contrapor esta visão do artista como sendo um “ser especial” detentor de um elemento artístico supremo que não estaria ao alcance de todos e também algumas delas, em especial o surrealismo, compreendem que por ela estar inserida neste processo da sociedade capitalista, ela não está fora do processo de luta de classes, sendo que muitas vezes ela é utilizada como elemento amortecedor ou detonador dessa.

A concepção de vanguarda artística aparecerá desenvolvida através de vários elementos-chaves que foram compreendidos como sendo características essenciais para a conceitualização do termo. Estes elementos não procuram privilegiar o caráter artístico das vanguardas, mas sim a interação destes com os elementos sociais, políticos e culturais do contexto histórico da sua época⁴. Desta forma, parte-se da definição que vanguardas artísticas são grupos de artistas que buscam através de algumas ideias-chave e de organização, tal como revolução (estética ou política), o internacionalismo e novas técnicas artísticas, que são marcas do período em que emergem (final do século XIX ao início da Segunda Guerra Mundial) e que elas estão envolvidas e que lhes determina.

O Internacionalismo:

Um novo elemento na busca de uma nova arte

Um dos principais elementos negligenciados por quase todos os autores que estudam as vanguardas artísticas, sendo que o único autor que cita este fato é Subirats (1986) não chegando a adentrar de forma aprofundada no tema, é o papel do internacionalismo no processo de formação e de constituição desses grupos na Europa a partir de meados do século XIX. O internacionalismo aqui tem que ser compreendido partindo de dois elementos: o primeiro referente à questão do tipo de formação das escolas artísticas e o segundo ao papel que este tomou no movimento revolucionário deste período, porém é preciso ressaltar que estes dois elementos estão de certa forma conectados devido ao período histórico em que emergem.

No primeiro ponto, a análise de Hauser (2003) nos permite compreender como o processo de formação das escolas artísticas estava estruturado até o surgimento das vanguardas artísticas. Ao longo de toda a sua obra é possível apreender que as escolas

⁴ Por isso apesar de existir grupos que se autodenominam como vanguardas artísticas após a Segunda Guerra mundial, não é possível se entender estes como tal, pois as características históricas que foram responsáveis por dar o fundamento histórico para estas tinham findado.

artísticas se pautavam por uma série de características comuns, mas ao mesmo tempo se diferiam por estarem voltadas para representação artística das suas características locais, sendo que muitas das vezes nem mesmo essas características centrais eram dadas como certas,

O maneirismo, como o gótico, foi um fenômeno europeu universal, ainda que fosse limitado a círculos muito mais estreitos do que a arte cristã da Idade Média; o barroco, por outro lado, engloba tantas ramificações do esforço artístico, apresenta-se em formas tão diferentes de país para país e nas várias esferas de cultura, que à primeira vista parece ser duvidoso que seja possível reduzi-las todas a um denominador comum (HAUSER, 2003, p. 442).

Com o advento das vanguardas artísticas surgem nas artes um novo tipo estruturação do movimento artístico, que tenta romper as amarras dos Estados-nações e se articular a um nível internacional, tanto na questão da produção artística quanto na dinâmica do movimento. O dadaísmo é a vanguarda que melhor expressa essa tendência assumida neste período. O movimento nasce em 1916 em Zurique⁵, cidade que representava naquele momento o maior ideal de internacionalismo e de repulsa a guerra, uma vez que a Suíça por não estar envolvida no conflito, se tornou um lugar de recepção de todos os degredados, desertores de guerra e fugitivos políticos, isso faz com que convivam no mesmo círculo os fundadores do dadaísmo⁶ e Lênin, por exemplo.

Esta nova reorientação faz com que não se observe nas vanguardas artísticas a mesma dinâmica das outras escolas, uma vez que não existe uma diferenciação entre “dadaísmos”, no entanto temos que considerar que as vanguardas apesar deste novo apelo internacionalista, se desenvolvem de forma mais intensa em uns países do que em outros, como o surrealismo que teve a sua principal expressão na França, mas através do seu núcleo original, se difundiu a outros países como Iugoslávia, Bélgica, Checoslováquia, Egito e México.

Sobre a influência do internacionalismo revolucionário⁷ é preciso compreender que este movimento nasce sobre um novo signo, que até então tinham colocado as

⁵ Naquele momento a Europa passava por uma guerra até então nunca vista, com um alto índice de mortos e o uso da tecnologia militar de uma forma avassaladora.

⁶ Os fundadores do dadaísmo também expressam esta tendência uma vez que são frutos de várias partes da Europa e inclusive de outros países, como por exemplo: Tristan Tzara e Marcel Janko da Romênia; Hugo Ball, Hans Richter e Hans Arp da Alemanha.

⁷ Aqui designamos como internacionalismo revolucionário aquele que prega a supressão do estado-nação através de uma revolução que culmine em um novo sistema social e não um internacionalismo político “que tenda a transcender a nação em direção a uma comunidade mais ampla, da qual as nações continuam sendo as unidades principais” (ANDERSON, 2005, pg. 03). A relação entre as vanguardas artísticas e o movimento revolucionário será discutida no próximo tópico.

revoluções como elementos nacionais. O movimento socialista⁸ surge como a faísca deflagradora desta nova bandeira. As revoluções de 1848, conhecidas como Primavera dos Povos devido em grande parte a derrubada das monarquias absolutistas que foram incapazes de conter a crise econômica que se agravava e as reivindicações de uma burguesia ascendente, são as primeiras em que se pode observar uma alternância entre o nacionalismo e o internacionalismo nascente. Neste mesmo ano ocorre a publicação do Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels, em que a célebre frase “Proletários de todo o mundo, uni-vos”, demonstra que os novos problemas enfrentados a partir daquele momento não eram mais a monarquia absolutista, mas sim a exploração empreendida por uma nova classe que tinha ascendido ao poder como revolucionária e a partir deste momento se utiliza de todos os meios para se manter no poder, uma vez que a sua permanência enquanto classe dominante estava fundamentada na exploração de outra classe, o proletariado.

O surgimento da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) em 1864, também conhecida como Primeira Internacional, foi fundamental neste período por afirmar a importância entre os trabalhadores da ajuda mútua e do internacionalismo, sendo que ela em muitos momentos de luta neste período, não somente teorizou como também apoiou, enviando associados e dinheiro (BEER, 2006) para operários em luta em toda a Europa. Além disso, para Tragtenberg a AIT

Serviu, no entanto, para conscientizar os trabalhadores de que eles pertenciam a uma comunidade internacional... Acima de tudo, foram méritos da AIT a afirmação do internacionalismo proletário como um valor positivo e a vinculação da luta pela libertação da classe trabalhadora da exploração econômica, e da opressão política como sinônimo da libertação da humanidade (TRAGTENBERG, 2008, p. 33).

A Comuna de Paris é a principal revolução que expressa essas tendências neste momento, tanto do internacionalismo como do projeto revolucionário de derrubada do estado burguês, mas que por uma série de fatores não tem o seu objetivo alcançando, sendo seus membros mortos, presos ou deportados.

A relação da vanguarda artística com a política

Até se chegar à relação entre arte e política primeiramente será analisado a relação entre a arte e política. Esta ocorre desde os primórdios da humanidade, mas no século

⁸ Aqui definimos socialismo como sendo o anarquismo e o marxismo, não entrando nos méritos da discussão sobre as suas tendências e contratendências.

XIX ela atinge outra conotação, sendo que Hauser (2003) coloca como o ponto de virada a Revolução Francesa.

A arte sempre foi utilizada com propósitos políticos, desde a Grécia, passando por Roma, pela Idade Média, pelos artistas renascentista e principalmente na constituição do Estado-nação. No entanto o que é possível observar é que esta arte está intimamente ligada ao Estado constituído, reproduzindo os seus objetivos e a sua ideologia. A Revolução Francesa quebra este paradigma, pois pela primeira vez a arte é usada conscientemente com o objetivo de demonstrar os novos valores que estavam sendo propagados pelos revolucionários em detrimento dos valores da monarquia absolutista, no entanto ela não rompe com a estética da velha ordem e não consegue superar o problema que será colocado pelas vanguardas artísticas da crítica da arte pela arte, porque “ênfatisa-se que a arte do período revolucionário pode ser descrita como revolucionária somente em relação aos temas e idéias, mas não em relação às suas formas e princípios estilísticos.” (HAUSER, 2003, p. 649).

Devido às vanguardas artísticas terem nascido quase ao mesmo tempo dos grandes movimentos revolucionários da Europa, não é de se estranhar que eles travaram um intenso debate a respeito do processo revolucionário, chegando muitas vezes a ocorrer a filiação de vanguardas a grupos e partidos que pregavam uma revolução proletária⁹. Desta forma para compreender a relação entre arte e política desenvolvida pelas vanguardas é preciso saber que ela ocorreu de uma maneira ambígua.

A primeira que é colocada por Compagnon (2003), e que aqui se compartilha, vê a diferença entre os dois modos como a mudança se daria na sociedade, todos atrelados a ideia de revolução, mas uma política e outra estética. Os que defendem a ideia de uma revolução política, como os surrealistas, que vêem a utilização da arte como forma de mudar o mundo; e a estética, como os dadaístas, que rechaçam a idéia de uma revolução política¹⁰, mas lutam por uma revolução nas artes enquanto forma, conceito e aplicação acreditando que ao fazerem este tipo de revolução que afetaria a noção de arte estabelecida até então, a sociedade a seguiria.

⁹ O caso mais emblemático desta relação é a filiação de grande parte dos surrealistas franceses ao PCF. Alguns se aproximaram, posteriormente, ao trotskismo (Breton, etc.).

¹⁰ Entretanto, a que se fazer um aparte neste ponto. Alguns dos fundadores do dadaísmo de origem alemão conseguem romper a lógica do “artístico suicídio individual” como coloca DUPUIS (2003, pg. 7) e se lançam com todas as suas forças no movimento revolucionário alemão.

A segunda ambiguidade está colocada por Subirats (1986) e aponta na direção dos conflitos que ocorreram entre as vanguardas artísticas e política principalmente no início do século XX. Para o autor devido às duas vanguardas defenderem a revolução por aspectos contrários, por compartilharem os mesmos espaços sociais e por muitas vezes terem tido relações de atrelamento ideológico levaram estas a constantes lutas por espaço. Sem dúvida, o surrealismo foi a vanguarda artística que teve um maior estreitamento da relação entre arte e política. O seu próprio nascimento ocorre através de artistas que tenham contato com os dadaístas, mas negarem o seu princípio niilista e partem para uma proposta de arte engajada. O ponto extremo desta proposta é quando os surrealistas se ligam organicamente à Associação dos Artistas Revolucionários controlada pelo PCF e chegam inclusive a mudar o nome da revista do movimento de *La Révolution Surréaliste* para *Le Surréalisme au Service de la Revolution* demonstrando o novo papel que eles acreditavam que as artes, neste caso o surrealismo, tinha que cumprir. As ingerências do PCF no surrealismo fazem com que essa filiação não dure muito tempo, vista que o partido classifica como “libertárias” algumas posições defendidas por Breton e alguns outros membros. Apesar disso, o surrealismo continua a sua ligação com outros grupos políticos, como Breton na esfera de influência de Trotsky e alguns outros surrealistas com a ala mais à esquerda do partido.

A ligação do surrealismo não ocorre somente com a esquerda, mas também com a direita nacionalista, principalmente na Espanha com a figura de Salvador Dalí que adere ao fascismo, ao catolicismo e ao regime de Franco e devido a essas suas posições é expulso em 1940 do movimento, e ainda assim foi considerado um dos principais pintores surrealistas.

Dupuis (1979) analisando os fracassos da ligação das vanguardas artísticas e a questão da revolução, chega a duas conclusões: a primeira relacionando a ligação das vanguardas a partidos que apesar de se dizerem comunistas estavam relacionados direta ou indiretamente ao esmagamento dos movimentos revolucionários e das reais formas de subversão; e a segunda é que esses movimentos queriam fazer a revolução sem aqueles que poderiam realmente subverter o sistema, o proletariado, caindo assim numa contradição sem volta.

O que era ser de vanguarda?

Este é o ponto em que encontramos ao mesmo tempo a maior confluência de ideias e a que os autores apresentam as suas leituras mais originais a respeito do que as vanguardas influíram na concepção de arte a partir de meados do século XIX.

A consciência que as vanguardas tinham em romper com o passado é um elemento recorrente na análise desses movimentos, sobretudo porque elas pensam essa ruptura a partir de dois elementos centrais: o desvencilhamento de uma estética academicista e a criação de uma nova concepção de arte que ligasse este a vida. As vanguardas do final do século XIX se diferem das do início do século XX nesta percepção. Enquanto as primeiras rompem em certos aspectos com a arte estabelecida (nas formas de retratar os temas com imagens distorcidas e utilizando-se de novas técnicas como a inserção de aspectos geométricos, que mais tarde serão tão caros ao cubismo), continuam, porém, pintando os temas (paisagens bucólicas, a vida da aristocracia e burguesia e retratos). Já as do início do século XX incluem não somente essas novas técnicas que pretendiam modificar a técnica artística, ela passa também a incorporar elementos exteriores que estavam em voga no momento, como a psicanálise, ocasionando um deslocamento das temáticas dos objetos abordados.

Os dois quadros abaixo representam essas posições (neste caso o pós-impressionismo e o surrealismo) e ilustram a mudança de paradigmas que as vanguardas expressaram nas artes, neste caso especificamente na pintura.

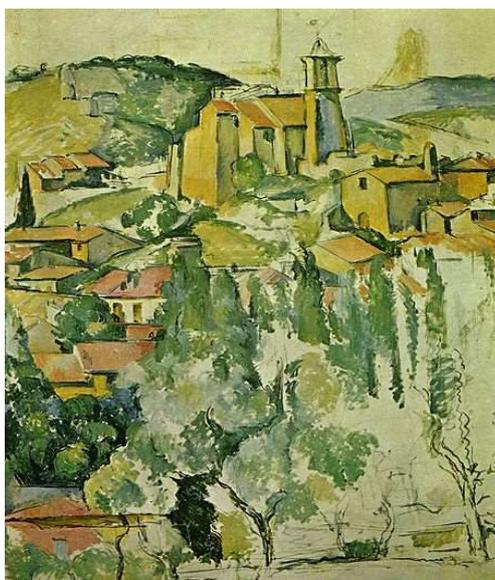


Figura I - Paul Cézanne- Vista de Gardanne,1885-1886.
Óleo s/tela, 92x74,5 cm. Fundação Burnes, Pensilvânia, Estados Unidos

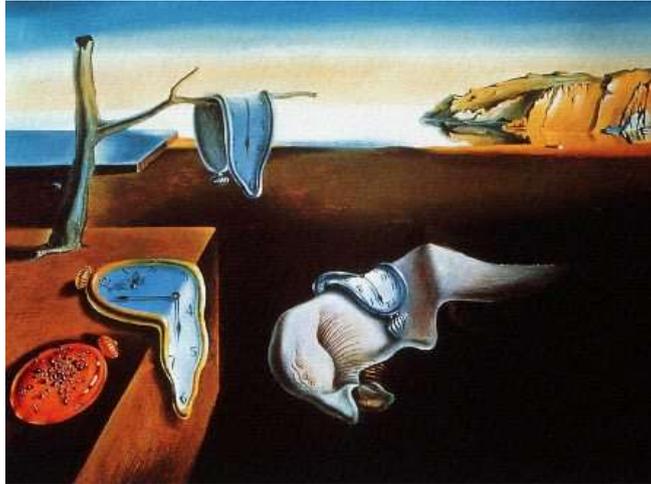


Figura II - Salvador Dalí - A Persistência da Memória, 1931. 24x33cm. Óleo sobre tela. Nova Iorque. The Museum of Modern Art.

A ligação da arte com a vida passa pelo processo de dessacralização da arte, isto é, a arte não pode mais ser vista como um objeto único e inigualável, mas sim como qualquer elemento do cotidiano que se tirado do seu contexto original assume tal posição. Esta nova visão do que venha a ser a “obra” de arte, causa um imenso impacto no mundo da arte. O dadaísmo é a vanguarda que mais se aproveita dessa nova técnica, denominada *ready-made*, sendo que a peça *A Fonte* de Marcel Duchamp caracteriza bem essa visão. No entanto, não são todos que concordam com essa visão dentro das vanguardas, Dalí a condena de maneira enfática e a maneira como eram reverenciados estes artistas por apenas plagiar algo, “*Primeiro: o velho cornudo dadaísta de cabeleira esbranquiçada, que recebe um diploma de honra ou uma medalha de ouro por ter querido assinar a pintura.*” (DALÍ, 2008, p.21).

Essa ruptura com o passado não pode ser pensada levando em consideração somente os aspectos artísticos, mas há que se considerar também os ideológicos, uma vez que essas vanguardas ao quererem romper, não somente com o passado, mas também com o presente, crendo que através de suas práticas estavam antecipando o futuro, como a detentora de uma nova ordem social (COMPAGNON, 2003), ela acaba por cair na armadilha, como coloca Ferry (1994), do elitismo, pois ao se colocar “a frente” do seu tempo ele rompe com qualquer possibilidade de articulação com as forças sociais do período em que se encontra, porque estas são consideradas como não portadoras do signo do novo tempo.

Outro ponto que é consenso entre os analistas das vanguardas é no que se refere ao seu papel dentro das instituições oficiais de arte. É notório que o grande marco inicial das vanguardas artísticas é o *Salon des Refusés*, em que participam jovens artistas como

Cézzane, que é formado em sua maioria por rejeitados do *Salon de Paris* por não expressarem os valores dominantes das artes da época. Desta forma é possível observar que as vanguardas nascem como elementos contestadores, que saem das instituições oficiais e se formam a margem de todo o sistema artístico do institucional. Porém, Coloca Ferry (1994) que vários desses movimentos, começam a ser assimilados pelo Estado e por institutos oficiais e o que se entendia como uma arte originalmente contestatória no final surge como uma propaganda do estado capitalista.

O ponto que talvez haja maior discordância em relação ao sentido do que era ser uma vanguarda artística é a questão do teor coletivo ou individualista desses movimentos. Ferry (1994) propõe uma análise que contraria todos os estudos de até então no que se refere a este sentido da vanguarda. Ele propõe uma interpretação da vanguarda a partir do individualismo. Para ele, as vanguardas artísticas quando surgem quebram vários paradigmas da sociedade capitalista e apesar de levarem uma vida completamente diferente da burguesia, a vida boêmia em contraste com a vida de filisteu, elas não conseguem romper um dos principais elementos da sociedade capitalista: o individualismo burguês moderno.

Ora, assim como Subirats, que caracteriza a vanguarda oscilando entre os elementos individualistas e coletivos, por toda a análise empreendida até aqui, não se pode descartar que a vanguarda seja fortemente marcada pela presença de um caráter coletivo bem demarcado. Apesar dos constantes conflitos de ideias dentro desses movimentos e dos rachas causados por estes, as vanguardas¹¹ ao tentar romper com uma ideia de arte individualizada propondo a criação coletiva de obras de arte ¹²e pela dinâmica de constituição desses grupos (como a questão das revistas, que por serem criações coletivas demonstram toda a variedade existentes nesses grupos).

Considerações Finais

Essas novas características que as vanguardas artísticas incorporam no fazer artístico são responsáveis, como visto acima, por colocar a arte no circuito de uma discussão mais direta sobre os posicionamentos políticos derivados de suas concepções. Os elementos expostos são responsáveis por trazer uma visão da duplicidade em que se

¹¹ Os dadaístas foram os primeiros a propor esta técnica.

¹² Não cabe aqui o julgamento se essas ideias foram praticadas ou não.

encontravam as vanguardas artísticas, entre o fazer político e o fazer artístico, se esquecendo muitas vezes qual era sua verdadeira identidade.

Apesar de algumas destas características poderem ser notadas em alguns movimentos anteriores e alguns posteriores (como as “vanguardas artísticas” do pós-1945) eles sempre vão aparecer de maneira superficial ou inacabadas, revelando que o momento histórico em que as vanguardas artísticas surgiram foi resultado de uma confluência política, social e cultural que transformou o fazer artístico em uma experiência social.

Referências

ANDERSON, Perry. *Internacionalismo: um breviário*. Anos 90, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.13-42, jan./dez. 2005. Disponível: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6367/3816>

BEER, Max. *História do socialismo e das lutas sociais*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

COMPAGNON, Antoine. A religião do futuro: Vanguardas e Narrativas ortodoxas. In: *Os Cinco Paradoxos da Modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. pp. 37 - 68.

DALÍ, Salvador. *Libelo contra a arte moderna*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

DUPUIS, Jules-François. *História desenvolvida do surrealismo*. Lisboa: Antígona, 1979.

FERRY, Luc. O declínio das vanguardas: a pós-modernidade. In: *Homo Aestheticus. A invenção do gosto na Era Democrática*. São Paulo: Ensaio, 1994. pp. 267 - 342.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RENATO, Pereira Pignatari. *Eisenstein: o cineasta da revolução*. Klesidra, nº 09. Acesso em: 16/07/2009. Disponível: <http://www.klesidra.net/klesidra9/eisenstein.html>

SUBIRATS, Eduardo. A dialética da vanguarda. In: *Da vanguarda ao pós moderno*. São Paulo: Nobel, 1986. pp. 47 - 64.

TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo: Unesp, 2008.

Resumo: As vanguardas artísticas se desenvolvem como um novo modo de pensar e fazer arte, com características até então não observadas em nenhum outro movimento artístico até aquele momento. O objetivo deste artigo é tratar de alguns destes elementos inovadores (como o internacionalismo e a relação arte e política) que fazem as vanguardas artísticas da primeira metade do século XX se tornarem elementos únicos na criação de uma nova forma de fazer artístico.

Abstract: The artistic vanguards develop as a new way of thinking and making art, with features not previously observed in any other art movement at that time. The aim of this paper is to address some of the innovative elements (such as internationalism and the relationship between art and politics) that make the artistic avant-gardes of the first half of the twentieth century become single elements in creating a new form of art making.

Palavras-chave: Vanguardas artísticas, fazer artístico, internacionalismo, arte e política

Key-words: Artistic avant-garde, artistic, internationalism, art and politics